

## iUPI, um novo instrumento para avaliar o uso problemático da internet

Fillipe Rodrigues Santos Pereira<sup>1</sup> e Lucas Guimarães Cardoso de Sá<sup>2</sup>

### Resumo

Considerando que os testes disponíveis para avaliar o uso problemático de internet no Brasil são adaptações de instrumentos estrangeiros, o objetivo deste estudo foi construir uma ferramenta brasileira para avaliação do construto. Com base na literatura e em entrevistas com o público-alvo, foram elaborados 46 itens que passaram por análise semântica e de validade de conteúdo. Três deles foram excluídos nesta etapa e o instrumento com 43 itens foi aplicado em uma amostra de 710 pessoas. Análise paralela e *exploratory graph analysis* indicaram uma estrutura de sete fatores como a mais plausível e correlações fortes entre eles sugeriram a existência de um fator de ordem superior. Os resultados da análise fatorial confirmatória de segunda ordem mostraram que os dados se ajustaram à estrutura proposta. Os 43 itens foram distribuídos em sete fatores específicos (Negligência de Atividades, Uso Abusivo, Falta de Controle, Problemas Interpessoais, Efeitos de Recompensa, Prejuízos Físicos e Reações de Abstinência) que estão subordinados a um fator geral de uso problemático de internet. A fidedignidade dos fatores foi classificada como boa. A conclusão é que o uso problemático de internet pode ter uma configuração hierárquica. Considerando que este é um estudo preliminar, novas pesquisas são necessárias para confirmar a invariância da estrutura, utilizando novos grupos e amostras.

**Palavras-chave:** internet, abuso, testes psicológicos, psicometria

---

1 Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, São Luís-MA, Brasil. Email: [fillipersp67@gmail.com](mailto:fillipersp67@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2989-4234>

2 Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, São Luís-MA, Brasil. Email: [lucas.gcs@ufma.br](mailto:lucas.gcs@ufma.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1656-0136>

## iUPI, a new tool to assess problematic internet use

### Abstract

Considering that the tests available to assess the problematic internet use in Brazil are adaptations of foreign instruments, this study aimed to develop a Brazilian tool for assessing that construct. Based on the literature and interviews with the target audience, 46 items were elaborated. Semantic and content validity analysis was carried out and three items were excluded. A 43-item test was applied to a sample of 710 people. Parallel analysis and exploratory graph analysis indicated a seven-factor structure as the most plausible and strong correlations between them suggested a high order factor. The results of a second-order confirmatory factor analysis showed that the data fit the proposed structure. The 43 items were distributed in seven specific factors (Neglect of Activities, Abusive Use, Lack of Control, Interpersonal Problems, Reward Effects, Physical Damage, and Abstinence Reactions), which in turn are subordinate to a general factor of problematic internet use. The reliability of all the factors was labeled good. The study concludes that the problematic internet use may have a hierarchical configuration. Considering that this is a preliminary study, further research is needed to confirm the invariance of the structure, using new groups and samples.

**Keywords:** internet, abuse, psychological testing, psychometrics

## INTRODUÇÃO

A internet é uma ferramenta que rapidamente se associou à vida cotidiana, principalmente por apresentar uma nova e mais confortável forma de conexão social, busca de informações e entretenimento, o que levou à sua adesão por milhões de pessoas em todo o mundo (Issa & Isaias, 2016; Zhang et al., 2019). É inegável o avanço que seu uso propiciou à vida social moderna e são inúmeros os benefícios decorrentes dessa relação, podendo ser mesmo inconcebível para muitas pessoas viver como décadas atrás, em que não era possível a utilização dos recursos que ela proporciona (Mello et al., 2019; Servidio et al., 2019). Apesar disso, parte da população parece demonstrar prejuízos sociais e sofrimento emocional relacionados ao uso da internet (Feng et al., 2019; Klinger et al., 2017; S. Y. Yang et al., 2019). Baixo repertório de habilidades sociais, solidão, conflitos familiares, timidez, fadiga, agressividade, impulsividade, instabilidade emocional, padrão de sono inconstante, ideação e tentativa de suicídio são exemplos de problemas apontados pela literatura (Della Méa et al., 2016; Ferreira et al., 2017; Terroso & Argimon, 2016).

Embora existam evidências de que o nível de dependência da população à internet e suas ferramentas está aumentando nos últimos anos, em diversos países do mundo (Olson et al., 2020), ainda não há consenso sobre qual a nomenclatura mais adequada para se referir ao fenômeno. Propostas teóricas e pesquisas relacionadas ao tema iniciaram-se em meados dos anos 1990, com destaque para os trabalhos de Young (1996, 1998). A autora propôs o termo dependência de internet (*internet addiction*), definindo critérios para o cumprimento de tal condição, baseados principalmente nos comportamentos dependentes do jogo de azar patológico da quarta edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-IV), vigente na época. A caracterização da dependência passaria pela identificação de desejo intenso, aumento da tolerância, pouco controle relacionado ao uso e a abstinência após cessação do uso (Rich et al., 2019).

No entanto, esse conceito de dependência de internet tem sido questionado, especialmente por ainda não haver uma etiologia bem definida sobre ele, como citam Yu e Sussman (2020). Em consequência, surgiu uma variedade de termos alternativos para explicar o fenômeno, tais como uso excessivo da internet, uso patológico da internet, uso problemático da internet, uso compulsivo da internet, uso abusivo da internet, adição por internet, vício em internet, dependência digital, dependência tecnológica, dependência de telas, dependência de smartphones e uso problemático de smartphones (Moromizato et al., 2017; Tumeleiro et al., 2018).

Fernandes et al. (2019), por exemplo, defendem o termo uso problemático da internet (UPI), compreendendo o construto como um contínuo de severidade e não como categoria nosológica fechada e definida, o que possibilita maior flexibilidade e abrangência na inclusão de comportamentos descritivos que não se resumem unicamente a características de dependência, mas também às consequências dela. Por outro lado, Yu e Sussman (2020) argumentam que todos os instrumentos usados para avaliar dependência ou uso problemático de smartphone cumprem critérios bem definidos para tratar o fenômeno como um transtorno. As autoras ainda propõem que a dependência de smartphone é apenas uma variação da dependência de internet. Em suma, esforços têm sido realizados para buscar esclarecer e diferenciar teoricamente os conceitos, mas ainda parece haver pouca concordância na literatura em relação a isso. Neste estudo, optou-se por utilizar a expressão uso problemático da internet (UPI), conforme sugerido por Fernandes et al. (2019), exceto ao citar trabalhos de outros autores, em que os termos originais escolhidos por eles foram respeitados e mantidos.

O UPI pode ter origem no que Agarwal e Karahanna (2000) chamam de absorção cognitiva, um estado de alto envolvimento com a tecnologia, resultado do profundo direcionamento da atenção e completa imersão na atividade, que levaria ao desenvolvimento de crenças de que a internet é uma ferramenta cujo uso não demanda grande esforço cognitivo, obtendo-se recompensas rápidas e a uma autopercepção de melhora na autoeficácia e no desempenho na realização de atividades. A partir

destas crenças, padrões específicos de cognições que validam e supervalorizam o mundo virtual podem ser formados, o que, concomitante às rumações, distorções e pensamentos negativos sobre si e sobre o mundo presencial, resultam em comportamentos desadaptativos relacionados ao uso de internet (Caplan, 2002; Davis, 2001).

Montag et al. (2015) destacaram que os comportamentos desadaptativos resultantes podem ser generalizados ou específicos, que embora possuam altos níveis de correlação, têm etiologias distintas. O UPI generalizado está relacionado ao contexto do indivíduo, que muito comumente tem uma rede protetiva, de apoio familiar e de amigos empobrecida, fazendo-o buscar formas alternativas de comunicação e interação por meio das redes sociais para compensar sensação de solidão vivenciada, o que, por sua vez, também se torna um preditor para o UPI, caracterizando uma relação cíclica entre os dois construtos (solidão e UPI) (Yao & Zhong, 2014; Zhang et al., 2018). Já no UPI específico, o indivíduo concentra-se em determinadas ferramentas da internet que funcionam como potencializadoras e facilitadoras para manter e reforçar outros comportamentos aditivos e compulsivos pré-existentes, que tiveram origem e que podem manifestar-se independente do espaço virtual, como transtorno do jogo pela internet, jogo de azar online, cibersexo e consumismo online (Davis, 2001; Young et al, 2011).

Para compreender outros meandros do construto, instrumentos de avaliação capazes de mensurá-lo adequadamente são altamente relevantes. Nessa linha, o *Internet Addiction Test* (IAT), de Young (1998), tem sido a ferramenta mais utilizada em todo o mundo com essa finalidade. É composta por 20 itens que indicam três níveis de dependência: leve, moderada ou severa. O número de fatores do IAT varia em diferentes estudos (Pezoa-Jares et al., 2012; Talwar et al., 2019), sendo mais frequentes as estruturas unifatoriais (Hawi, 2013; Khazaal et al., 2008; Panayides & Walker, 2012; Pontes et al., 2014). No entanto, Widyanto e McMurrin (2004), por exemplo, encontraram uma estrutura de seis fatores, denominados como (a) Saliência, (b) Uso Excessivo, (c) Negligência ao Trabalho, (d) Antecipação, (e) Falta de Controle e (f) Negligência à Vida Social. Ela, porém, mostrou-se replicável apenas em Ferraro et al. (2006). Alguns anos depois, Widyanto et al. (2011) propuseram uma nova configuração, de três fatores, que mensuram (a) Conflito Psicológico/Emocional, (b) Questões Relacionadas a Administração do Tempo e (c) Modificação do Humor.

Instrumentos semelhantes para avaliação do UPI são: (a) *Pathological Internet Use Scale* (Morahan-Martin & Schumacher, 2000), (b) *Generalized Problematic Internet Use Scale* (GPIUS; Caplan, 2002, 2010), (c) *Chen Internet Addiction Scale* (CIAS; Chen et al., 2003), (d) *Internet Consequences Scale* (ICONS; Clark & Frith, 2005), (e) *Chinese Internet Addiction Inventory* (CIAI; Huang et al., 2007), (f) *Compulsive Internet Use Scale* (CIUS; Meerkerk et al., 2009) e (g) *Parent-Child Internet Addiction Test* (Young, 2019). Já em Yu e Sussman (2020) é possível ter acesso a uma lista de 14 escalas desenvolvidas para avaliar uso problemático ou dependência de smartphone.

Apesar da variedade de ferramentas surgidas nas duas últimas décadas, instrumentos disponíveis para avaliação de aspectos relacionados ao UPI no Brasil são poucos e muito recentes. Conti et al. (2012) traduziram e investigaram a validade de conteúdo e dados de precisão do IAT. Assis (2014) realizou uma análise fatorial confirmatória (CFA) do mesmo IAT, com a estrutura de Widyanto e McMurrin (2004), mas obteve índices de ajuste muito pobres, o que a levou a realizar uma análise fatorial exploratória (EFA) subsequente, retendo então uma estrutura de dois fatores, um chamado de Uso Dependente e Conflitos Psicológicos, outro de Uso Excessivo e Autocontrole. Silva (2016) investigou validade com relação a variáveis externas, mostrando que o IAT possui correlações altas, positivas e significativas com o checklist de critérios diagnósticos de internet (Young, 1998). Ambos os estudos, de Assis (2014) e Silva (2016), obtiveram dados de precisão por consistência interna que variaram entre 0.86-0.91.

No Brasil também há estudos com instrumentos que mensuram dependência de smartphone, como o de Khoury (2016), que traduziu o *Smartphone Addiction Inventory* (SPAI) e apresentou evidências de validade da estrutura interna, determinando um modelo de quatro fatores: Comportamento Compulsivo, Comprometimento Funcional, Síndrome de Abstinência e Síndrome de Tolerância, além de verificar a precisão do instrumento. Mescollotto et al. (2018) realizaram análises de validade de conteúdo, de relação com variáveis externas e de precisão por estabilidade temporal e consistência interna da *Smartphone Addiction Scale-Short Version* (SAS-SV). Sales et al. (2018) adaptaram a *Compulsive Internet Use Scale* para Escala de Dependência de Smartphone (EDS) e, por meio de análises fatoriais, encontraram uma estrutura unifatorial. Andrade et al. (2020) adaptaram a *Smartphone Addiction Scale-LongVersion* (SAS-LV) e propuseram uma estrutura de cinco fatores: Uso excessivo e Tolerância, Abstinência, Relacionamentos Orientados ao Ciberespaço, Antecipação Positiva e Perturbação da Vida Diária.

Embora se reconheça a importância das adaptações de instrumentos estrangeiros para o Brasil, entende-se que pode haver uma limitação na sua utilização pelo fato de que nenhuma das escalas foi construída considerando possíveis aspectos culturais do país como variáveis altamente relevantes para a compreensão do fenômeno (Salles & Rodrigues, 2017). Ainda que instrumentos bem adaptados possam ser adequados ao novo contexto, podem não contemplar comportamentos específicos que só estão disponíveis na nova cultura, limitando a interpretação ampla do fenômeno. Assim, foram feitas as perguntas: quais comportamentos os brasileiros consideram característicos de uso problemático de internet? A organização desses comportamentos possui uma estrutura semelhante a que é encontrada em instrumentos desenvolvidos em outros países?

Para responder estas questões, considerou-se relevante construir um instrumento específico para brasileiros, de forma que seja possível uma avaliação mais

contextualizada, passo importante para que, futuramente, ele possa ser usado como mais uma alternativa de ferramenta na aferição de dados epidemiológicos na população brasileira, além de servir, no âmbito profissional, como auxílio à tomada de decisão em intervenções, visto essa já ser uma realidade como queixa clínica nos consultórios de psicologia (Marco & Chóliz, 2013). Além disso, desenvolver um novo instrumento, diretamente em língua portuguesa e de livre acesso, sem custos ou restrições, pode ser vantajoso e prático para quem desejar utilizá-lo.

Diante dessas considerações, o objetivo geral deste estudo foi construir um instrumento brasileiro para avaliar uso problemático de internet. Objetivos específicos para desenvolver esta nova ferramenta foram: (a) elaborar itens, (b) buscar evidências de validade de conteúdo, (c) investigar evidências de validade de estrutura interna e (d) apresentar dados de fidedignidade.

## MÉTODO

A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil (CAAE: 17776719.4.0000.5087) para apreciação ética e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Maranhão sob o parecer 3.643.482. Todos os procedimentos éticos para pesquisas envolvendo seres humanos foram respeitados. Foram realizados procedimentos teóricos, experimentais e analíticos para a elaboração de instrumental psicológico, conforme apresentado em Pasquali (2010). Para uma melhor compreensão do processo, o método será apresentado em duas etapas. Na primeira serão descritos os procedimentos teóricos, explicando como foram elaborados os itens e como foi averiguada a validade de conteúdo deles. Na segunda, serão apresentados os procedimentos experimentais e analíticos, mostrando como foram coletados e analisados os dados, incluindo a investigação da validade de estrutura interna e da fidedignidade do instrumento.

### **Procedimentos teóricos: Elaboração de itens e validade de conteúdo**

#### *Participantes*

Nesta etapa participaram: 13 pessoas representantes do público-alvo do instrumento, selecionadas por conveniência a partir da combinação das variáveis

sexo (masculino e feminino), escolaridade (fundamental, médio e superior) e faixa etária (18-40 anos, 41-65 anos); cinco profissionais de Letras; 11 psicólogos com experiência profissional em dependência de substâncias psicoativas ou psicometria.

### *Procedimentos*

O processo de elaboração dos itens que compõem o instrumento teve início com uma análise da literatura. Os estudos de Young (1996, 1998, 2019) e o capítulo que trata de transtornos relacionados a substâncias e transtornos aditivos do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-V) (American Psychiatric Association, 2014) foram tomados como referências.

Em seguida, entrevistas com o público-alvo foram realizadas com o objetivo de coletar percepções, julgamentos e opiniões sobre UPI. Cada participante respondia a um roteiro semiestruturado de entrevista com sete perguntas abertas, realizadas na seguinte ordem: (a) o que você acha que é dependência de internet?, (b) o que uma pessoa que é dependente de internet faz no dia a dia?, (c) o que uma pessoa que é dependente de internet pensa/sente quando está usando a internet?, (d) o que torna uma pessoa dependente de internet?, (e) quais são os pontos positivos de usar a internet?, (f) quais são os pontos negativos de usar a internet?, (g) gostaria de fazer mais alguma consideração ou comentário sobre a dependência de internet?

Todas as entrevistas foram gravadas e o conteúdo em formato de áudio foi decupado em orações sintáticas pelos pesquisadores, que selecionaram aquelas que continham características de UPI descritas na literatura. Por fim, como terceira fonte, foram observados os itens de instrumentos adaptados para o contexto brasileiro (IAT, SPAI-BR, SAS-SV e EDS). Nenhum deles foi copiado, somente seus conteúdos verificados para garantir que estariam contemplados no novo instrumento.

Os itens foram redigidos tendo como base os conteúdos obtidos das três fontes, seguindo orientações de Pasquali (2010) sobre como escrever itens de qualidade. Foi implementada uma escala de resposta de cinco pontos para respondê-los. Dependendo do formato de escrita do item, o respondente deveria endossar o grau de concordância com a descrição apresentada em uma escala Likert – *discordo totalmente* (0) a *concordo totalmente* (4) –, ou a frequência do comportamento em uma escala tipo Likert – *nunca* (0) a *sempre* (4). O instrumento foi nomeado como Inventário de Uso Problemático da Internet (iUPI).

O iUPI foi submetido a análise semântica, solicitando aos profissionais de Letras que lessem, avaliassem e dessem sugestões para deixar a redação compreensível para o público-alvo. Em seguida, realizou-se uma análise teórica, em que 11 psicólogos responderam a pergunta: o quanto este item descreve um comportamento capaz

de avaliar UPI? Para essa tarefa, os avaliadores usaram uma escala tipo Likert de seis pontos, variando entre *nada* (0) a *totalmente* (5).

Utilizando o Excel 15.0 (Microsoft, 2013), foi realizada a análise teórica para interpretar a validade de conteúdo dos itens, com cálculo do coeficiente de validade de conteúdo (CVC) proposto por Hernandez-Nieto (2002), estabelecendo que valores iguais ou maiores que .80 mostrariam adequação, conforme sugerido por Pasquali (2010).

## **Procedimentos experimentais e analíticos: Validade da estrutura interna e fidedignidade da estrutura**

### *Participantes*

Para compor a amostra foram selecionados participantes com idade entre 18 e 65 anos, que declararam ter equipamentos como telefone celular, notebook ou tablet próprios e possibilidade de acessar diariamente a internet. Nenhum critério de exclusão foi estabelecido. Cinco participantes fizeram parte de um grupo piloto, formado por conveniência, para a realização de um pré-teste.

Para os procedimentos analíticos, uma primeira amostra, denominada Amostra 1, foi composta por 466 pessoas, com média de idade de 27.8 anos ( $DP = 9.5$ ), 55.8% do sexo feminino e 44.2% do masculino. Em relação à escolaridade, 40.6% possuíam ensino superior completo; 46.8%, superior incompleto; 10.8%, médio completo; 1.1%, médio incompleto; 0.6% fundamental completo. Sobre as regiões do Brasil, 77.9% moravam no Nordeste; 13.5%, no Sudeste; 3.4%, Centro-Oeste; 3%, Sul; e 2.1%, Norte.

Uma segunda amostra, denominada Amostra 2, teve 244 participantes com idades entre 18 e 65 anos ( $M = 25.4$ ,  $DP = 8.3$ ), sendo a maioria mulheres (70.1%). A maior parte tinha ensino superior incompleto ou completo (91.4%), 8.2% ensino médio completo ou incompleto e 0.4% ensino fundamental. Por fim, quanto as regiões do país, 40.2% moravam no Nordeste; 36.1% no Sudeste; 14.3% no Sul; 7.4% no Centro-Oeste; e 2.1% no Norte.

### *Instrumentos*

Questionário Sociodemográfico: utilizado para coletar informações de caracterização geral do participante. Contém informações sobre sexo, idade, escolaridade e região do Brasil onde reside.



Inventário de Uso Problemático da Internet (iUPI): desenvolvido neste estudo. A descrição detalhada do processo de construção e a configuração do instrumento serão apresentadas nas seções Resultados e Discussão.

### *Procedimentos*

O pré-teste foi realizado virtualmente, por meio da plataforma Formulários Google (<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>), com o objetivo de averiguar a compreensão das instruções, dos itens e da escala de resposta. Os pesquisadores enviaram o link da pesquisa por email e solicitaram aos participantes que anotassem o tempo de resposta, as dúvidas, dificuldades, bem como sugestões para melhorar o instrumento.

A coleta de dados também foi realizada via Formulários Google, seguindo um procedimento de amostragem não aleatória, por conveniência, semelhante à técnica bola de neve. Indivíduos de diferentes características sociodemográficas do público-alvo foram selecionados e, após responderem, indicavam participantes com características semelhantes para também participarem da pesquisa. Como todos os itens deveriam ser obrigatoriamente respondidos para o envio final das respostas, não houve dados faltantes, nem erros de preenchimento.

### *Análise de dados*

Considerando que a escala de resposta do iUPI possui formato Likert e tipo Likert, todas as análises foram realizadas por meio de técnicas estatísticas compatíveis com dados ordinais. Inicialmente, para decidir se a extração de fatores era recomendada, foi observado o valor do índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), considerando valores acima de .70 como aceitáveis, embora acima de .80 como desejáveis (Hair et al., 2009). Em seguida, tendo em vista a indefinição da literatura em relação a se o UPI é um construto unidimensional ou multidimensional, também foram observadas as informações geradas pela *unidimensional congruence* (UniCo), *explained common variance* (ECV), *mean of item residual absolute loadings* (MIREAL). Como proposto por Ferrando e Lorenzo-Seva (2018), valores acima de .95 em UniCo, acima de .85 em ECV e abaixo de .30 em MIREAL são indicativos de que a estrutura pode ser tratada essencialmente como unidimensional. Os quatro índices foram obtidos pelo software FACTOR (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013).

As análises seguintes foram executadas no software RStudio (RStudio Team, 2020). Inicialmente, para buscar mais informações sobre a dimensionalidade da

estrutura, foi realizada análise paralela para matriz de correlações policóricas, comparados os autovalores dos dados verdadeiros com os dos dados de simulados de 100 reamostragens. O procedimento seguinte foi executar uma *exploratory graph analysis* (EGA), técnica seminal apresentada por Golino e Epskamp (2017). A escolha por esse método analítico se justifica porque a EGA, além de estimar o número de dimensões, indica quais itens compõem cada fator sugerido, o que pode ser uma grande vantagem em relação às técnicas clássicas para verificar a dimensionalidade de instrumentos psicométricos. Conforme Golino (2017), a EGA:

Estima uma matriz de correlações entre as variáveis observáveis. Em seguida, utiliza a regularização via *least absolute shrinkage and selection operator* (LASSO) para obter uma matriz inversa e esparsa de covariância, com o parâmetro de regularização definido por meio de índice *extended bayesian information criterion* (eBIC) em 100 diferentes valores. (p. 277)

Depois disso, um algoritmo denominado *walktrap* detecta os grupos, que equivalem a variáveis latentes. Recentemente, Golino et al. (2020) também apresentaram a possibilidade de estimação usando *triangulated maximally filtered graph approach* (EGAtmfg). Informações adicionais sobre a EGA e suas aplicações podem ser vistas, por exemplo, em Golino e Demetriou (2017) e Christensen et al. (2019).

Seguindo os passos propostos por Golino (2017), a distribuição dos itens em cada fator sugerido pela EGA deve ser submetida a uma CFA para verificar o ajuste da estrutura. Neste estudo, para testar a estabilidade dos resultados, foram executadas duas CFA, uma com a Amostra 1 e outra com a Amostra 2. Ainda que o objetivo do estudo seja construir um novo instrumento, entende-se que o uso de uma estratégia confirmatória em detrimento de uma exploratória é adequado, uma vez que a EGA fornece uma hipótese clara para as relações entre itens e fatores. Como descrevem Ambiel e Carvalho (2017) e Franco et al. (2017), os termos exploratório e confirmatório tem menos a ver com os objetivos da análise e mais com a maneira como é definida a relação das cargas fatoriais dos itens com as variáveis latentes. Visando obter ainda mais evidências sobre a dimensionalidade da estrutura, antes de executar a CFA foram observadas as correlações de Spearman entre todos os fatores sugeridos pela EGA. Como sugere Marôco (2014), correlações elevadas entre fatores de primeira ordem podem indicar um fator de ordem superior.

Para realizar a CFA, foi escolhido o estimador *weighted least square mean and variance adjusted* (WLSMV), adequado para dados ordinais. Os indicadores para aferir a qualidade do ajuste foram a proporção entre o qui-quadrado escalonado e os graus de liberdade, o *comparative fit index* (CFI), o *Tucker-Lewis index* (TLI) e o *root mean square error of approximation* (RMSEA). Como a qualidade do ajuste

depende de diferentes características do modelo, não foi definido um valor prévio e fixo de ponto de corte para a interpretação dos valores dos índices. Os valores foram interpretados conforme um conjunto de características propostas por Hair et al. (2009). Para os pesos fatoriais padronizados, foi utilizada a significância ( $p < .05$ ) e o valor de  $\lambda > .30$  como parâmetro de interpretação de adequação, conforme apresentado por Pasquali (2010). Para analisar a fidedignidade, foram utilizados os coeficientes alfa de Cronbach ( $\alpha$ ), ômega de McDonald ( $\omega$ ) e *greatest lower bound* (GLB).

## RESULTADOS

Treze critérios que poderiam ser utilizados para caracterizar o UPI foram selecionados a partir da literatura. O conteúdo das entrevistas adicionou 33 novos comportamentos que caracterizariam um indivíduo que faz uso problemático da internet. A avaliação feita para os itens dos instrumentos adaptados para o Brasil foi que todos os conteúdos já estavam incluídos nas descrições provenientes da literatura e das entrevistas.

O agrupamento do conteúdo das três fontes resultou em 46 comportamentos que caracterizariam o UPI. Na análise semântica os avaliadores sugeriram 19 alterações, das quais 10 foram acatadas por se mostrarem condizentes com os critérios de construção de itens (Pasquali, 2010). Os resultados da análise teórica mostraram que três itens tiveram valor inferior ao ponto de corte estabelecido para o CVC e, por isso, foram excluídos: “Fico cansado após usar internet por muito tempo” (.76), “Fico irritado depois de ficar na internet por muito tempo” (.78) e “Uso a internet para acessar diferentes redes sociais” (.71). Os demais apresentaram valores classificados entre bons e ótimos, como pode ser observado na Tabela 1. Assim, há evidências de validade de conteúdo para os 43 itens restantes, que descrevem comportamentos pertinentes para a avaliação do UPI.

Os resultados da aplicação pré-teste indicaram a necessidade de pequenos ajustes na redação de seis itens, para sua melhor compreensão. A coleta de dados com a primeira amostra foi realizada e os dados descritivos dos itens são apresentados na Tabela 1. Nenhum item obteve completo efeito teto ou efeito chão, embora alguns deles tenham tido uma porcentagem baixa de respostas em um dos pontos da escala e altas em outro, gerando assimetrias e curtoses elevadas e reforçando a necessidade do uso de técnicas analíticas robustas. O valor de KMO de .81 mostrou uma boa adequação das correlações entre os itens, o que indicava a possibilidade de realizar a extração de fatores.

**Tabela 1***Coefficiente de validade de conteúdo e estatísticas descritivas dos itens do iUPI*

	Item	CVC	M (DP)	%Mn	%Mx	A	C
1	No último ano, aumentei meu uso de internet	.93	2.5 (0.9)	6.2	72.8	-1.6	1.5
2	Passo mais tempo utilizando a internet do que deveria	.87	2.6 (0.9)	5.6	78.1	-1.9	2.5
3	Minha opção de lazer preferida envolve utilizar a internet	.89	1.7 (1.2)	15.0	41.0	-0.2	-1.5
4	Quando estou usando a internet, deixo de perceber o que acontece ao meu redor	.89	1.9 (0.9)	7.3	44.6	-0.4	-0.4
5	Uso a internet para me sentir melhor quando não estou bem	.93	1.8 (1.1)	15.2	32.0	-0.2	-1.1
6	Prefiro navegar na internet que interagir presencialmente com as pessoas	.93	1.1 (1.1)	15.2	32.0	0.6	-1.0
7	Desejo estar conectado na internet o máximo de tempo	.87	1.4 (1.2)	13.5	31.6	0.2	-1.4
8	Já falhei quando quis controlar o tempo que passo na internet	.98	1.9 (1.1)	15.4	45.3	-0.5	-1.2
9	Já continuei na internet mesmo sob a reclamação das pessoas mais próximas	.93	1.6 (1.1)	18.9	32.0	-0.1	-1.3
10	Já brigaram comigo por causa do tempo que passo conectado à internet	.95	1.5 (1.1)	15.9	33.1	0.1	-1.3
11	Percebo que algum relacionamento meu piorou devido ao tempo que passo na internet	.95	0.9 (1.2)	9.0	53.9	0.8	-0.8
12	Durante o período de uma hora, acesso a internet várias vezes	.84	2.6 (0.8)	3.4	75.1	-1.6	1.5
13	Gasto mais tempo do que gostaria buscando meios de me conectar à internet	.80	1.6 (1.2)	15.4	34.5	-0.1	-1.5
14	Fico tanto tempo na internet que acabo dormindo menos que preciso	.91	1.5 (1.2)	19.7	29.4	0.0	-1.4
15	Fico ansioso quando estou sem conexão à internet	.93	1.7 (1.1)	17.0	31.3	-0.1	-1.2
16	O uso da internet me prejudica, mas continuo conectado	.91	1.7 (1.2)	15.9	39.3	-0.2	-1.4
17	Já falhei quando quis reduzir o tempo que passo na internet	.93	1.8 (1.2)	18.7	38.6	-0.2	-1.4
18	Já deixei de fazer alguma tarefa de casa, da escola/faculdade ou do trabalho porque estava usando a internet	.93	1.7 (1.2)	17.8	34.3	-0.1	-1.4

**Tabela 1***Coefficiente de validade de conteúdo e estatísticas descritivas dos itens do iUPI (cont.)*

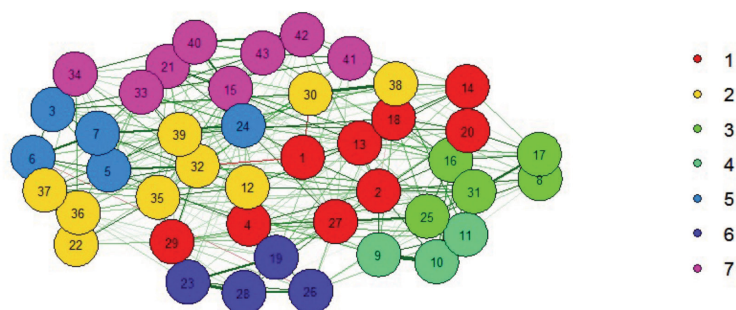
Item	CVC	M (DP)	%Mn	%Mx	A	C
19 Sinto desconforto físico (dor nos ombros, pescoço, pulso) depois de passar muito tempo na internet	.85	1.6 (1.1)	19.1	32.8	-0.1	-1.4
20 Já menti sobre a quantidade de tempo ou de vezes que acesso à internet por dia	.96	0.9 (1.1)	12.0	52.8	0.8	-0.6
21 Sinto uma vontade muito grande de me conectar depois de ficar um período sem usar a internet	.96	2.2 (1.0)	9.0	60.3	-0.9	-0.5
22 Já usei a internet enquanto dirigia ou atravessava a rua como pedestre	.95	1.4 (1.2)	14.8	33.9	0.2	-1.5
23 Sinto minha vista irritada ou cansada após usar a internet	.80	1.7 (1.1)	14.0	32.2	-0.1	-1.3
24 Preciso ficar cada vez mais tempo conectado para me sentir satisfeito	.96	1.1 (1.1)	15.4	38.6	0.5	-1.0
25 Quando estou usando a internet, meu desempenho em outras atividades fica prejudicado	.93	2.0 (1.1)	15.0	47.2	-0.5	-1.2
26 Sinto necessidade de descansar depois de estar conectado por um longo tempo	.80	1.9 (1.0)	9.7	38.8	-0.3	-1.1
27 Tenho dificuldade de lembrar de outras informações enquanto uso a internet	.93	1.4 (1.0)	19.7	30.7	0.1	-1.1
28 Minha cabeça dói após ficar muito tempo conectado	.82	1.3 (1.1)	19.7	30.7	0.2	-1.2
29 Sinto que o tempo passa mais rápido quando estou conectado	.93	2.5 (0.8)	4.3	63.9	-1.5	1.4
30 Já sonhei que estava usando a internet	.82	0.4 (0.8)	4.9	73.6	1.9	2.9
31 Sinto culpa por gastar muito tempo do meu dia na internet	.95	1.8 (1.1)	17.8	40.3	-0.4	-1.2
32 Uso a internet quando estou ocioso ou entediado	.82	2.6 (0.8)	2.6	73.4	-1.7	1.9
33 Sinto prazer assim que me conecto a internet	.91	1.9 (1.0)	9.4	33.5	-0.4	-0.9
34 Sou incapaz de imaginar minha vida sem internet	.98	2.0 (1.2)	13.1	49.6	-0.5	-1.3
35 A primeira coisa que faço ao acordar é usar a internet	.91	2.2 (1.2)	13.1	49.6	-0.9	-0.8
36 Uso a internet para ganhar curtidas, compartilhamentos ou visualizações nas redes sociais	.89	1.2 (1.1)	16.3	35.6	0.3	-1.1
37 Uso a internet enquanto me alimento	1	2.0 (1.0)	8.2	40.6	-0.4	-1.1

**Tabela 1***Coefficiente de validade de conteúdo e estatísticas descritivas dos itens do iUPI (cont.)*

Item	CVC	M (DP)	%Mn	%Mx	A	C
38 Já deixei de me alimentar por causa do tempo conectado à internet	1	0.6 (1.0)	7.1	61.4	1.4	0.8
39 Passo tempo na internet mesmo sem ter uma tarefa para cumprir	.91	2.3 (0.9)	5.1	51.7	-0.9	-0.1
40 Me sinto desconfortável quando preciso ficar muito tempo desconectado	.93	1.5 (1.0)	18.2	34.8	0.1	-1.1
41 Ao ir dormir, penso quando vou me conectar novamente a internet	.91	0.4 (0.8)	5.1	73.6	2.0	3.1
42 Tenho dificuldade de me controlar quando preciso ficar sem usar a internet (em uma reunião, aula, avião, etc.)	.93	0.9 (1.0)	11.2	44.2	0.7	-0.6
43 Fico triste quando tenho que parar de usar a internet	.95	1.0 (1.0)	8.8	36.5	0.6	-0.6

*Nota.* %Mn = menor porcentagem de endosso a um ponto da escala de resposta no item, %Mx = maior porcentagem de endosso a um ponto da escala de resposta no item, A = assimetria, C = curtose

A literatura sobre o UPI não é consensual sobre a unidimensionalidade ou multidimensionalidade do construto. Diferentes estudos encontraram estruturas distintas quanto ao número de dimensões, como foi apresentado na introdução. Para o iUPI, os valores de UniCo (.97), de ECV (.88) e de MIREAL (.20) indicaram que os dados podem ser tratados essencialmente como unidimensionais. A análise paralela, no entanto, indicou uma divisão em sete fatores, número corroborado pela EGA (Figura 1).

**Figura 1***Estrutura do iUPI obtida via EGA*

Observando as correlações do fator 1 com os fatores 2 (.63), 3 (.76), 4 (.58), 5 (.58), 6 (.52) e 7 (.66); do fator 2 com os fatores 3 (.57), 4 (.47), 5 (.53), 6 (.43) e 7 (.66); do fator 3 com os fatores 4 (.58), 5 (.48), 6 (.46) e 7 (.57); do fator 4 com os fatores 5

(.50), 6 (.31) e 7 (.47); do fator 5 com os fatores 6 (.30) e 7 (.65); e entre os fatores 6 e 7 (.44), todas significativas ( $p < .001$ ) e elevadas, há um indício de que pode existir uma estrutura hierárquica, em que fatores de primeira ordem estão subordinados a um fator geral de segunda ordem. Assim, a partir da distribuição dos itens para cada fator sugerida pela própria EGA, decidiu-se testar o ajuste para um modelo de sete fatores de primeira ordem influenciados por um fator geral de segunda ordem.

Para a amostra 1, os índices de qualidade do ajuste deste modelo foram:  $X^2/df = 1.99$ , CFI = .95, TLI = .95 e RMSEA = .046 CI [.043, .050]. Para a amostra 2, foram:  $X^2/df = 1.65$ , CFI = .94, TLI = .93 e RMSEA = .052 CI [.047, .057]. Os valores são considerados adequados para condições em que há mais de 30 variáveis e uma amostra maior que 250 participantes (Hair et al., 2009). Todos os pesos fatoriais foram significativos ( $p < .001$ ), embora o item “No último ano, aumentei meu uso de internet” tenha apresentado valores que podem ser considerados baixos. Entretanto, optou-se por mantê-lo, tanto por ser estatisticamente significativo, quanto por ser teoricamente pertinente, como atestado pelo valor de CVC. Como Hair et al. (2009) argumentam, apesar da importância dos softwares e das análises estatísticas, o julgamento teórico do pesquisador deve ser sempre considerado.

Na Tabela 2 é apresentado o detalhamento da estrutura interna do iUPI, com um fator geral de primeira ordem e 43 itens distribuídos em sete fatores de segunda ordem, com resultados para as duas amostras deste estudo. A pontuação máxima possível para o escore geral é de 172 e para os escores fatoriais é de 36 para os dois primeiros fatores, 20 para o terceiro e quinto e sexto, 12 para o quarto, e 32 para o sétimo.

**Tabela 2**

*Análise fatorial confirmatória de segunda ordem do iUPI para amostras 1 e 2*

	$\gamma_1$	$\gamma_2$	Fator de primeira ordem	Item	$\lambda_1$	$\lambda_2$
Fator de segunda ordem Uso problemático de internet	.98	.98	Negligência de Atividades	Gasto mais tempo do que gostaria buscando meios de me conectar à internet	.73	.79
				Já deixei de fazer alguma tarefa de casa, da escola/faculdade ou do trabalho porque estava usando a internet	.73	.69
				Fico tanto tempo na internet que acabo dormindo menos que preciso	.65	.63
				Tenho dificuldade de lembrar de outras informações enquanto uso a internet	.70	.62
				Já menti sobre a quantidade de tempo ou de vezes que acesso à internet por dia	.66	.60
				Passo mais tempo utilizando a internet do que deveria	.74	.75
				Quando estou usando a internet, deixo de perceber o que acontece ao meu redor	.60	.55

**Tabela 2***Análise fatorial confirmatória de segunda ordem do iUPI para amostras 1 e 2 (cont.)*

$\gamma_1$	$\gamma_2$	Fator de primeira ordem	Item	$\lambda_1$	$\lambda_2$
			Sinto que o tempo passa mais rápido quando estou conectado	.60	.55
			No último ano, aumentei meu uso de internet	.26	.36
.90	.83	Uso Abusivo	A primeira coisa que faço ao acordar é usar a internet	.73	.62
			Passo tempo na internet mesmo sem ter uma tarefa para cumprir	.80	.75
			Uso a internet enquanto me alimento	.61	.56
			Uso a internet para ganhar curtidas, compartilhamentos ou visualizações nas redes sociais	.47	.47
			Uso a internet quando estou ocioso ou entediado	.76	.79
			Já usei a internet enquanto dirigia ou atravessava a rua como pedestre	.41	.31
			Já deixei de me alimentar por causa do tempo conectado à internet	.60	.55
			Durante o período de uma hora, acesso a internet várias vezes	.66	.77
			Já sonhei que estava usando a internet	.51	.54
.83	.83	Falta de Controle	Já falhei quando quis reduzir o tempo que passo na internet	.96	.91
			O uso da internet me prejudica, mas continuo conectado	.87	.88
			Já falhei quando quis controlar o tempo que passo na internet	.91	.86
			Sinto culpa por gastar muito tempo do meu dia na internet	.79	.82
			Quando estou usando a internet, meu desempenho em outras atividades fica prejudicado	.76	.74
.74	.67	Problemas Inter-pessoais	Já continuei na internet mesmo sob a reclamação das pessoas mais próximas	.87	.94
			Já brigaram comigo por causa do tempo que passo conectado à internet	.81	.81
			Percebo que algum relacionamento meu piorou devido ao tempo que passo na internet	.76	.73



**Tabela 2***Análise fatorial confirmatória de segunda ordem do iUPI para amostras 1 e 2 (cont.)*

$\gamma_1$	$\gamma_2$	Fator de primeira ordem	Item	$\lambda_1$	$\lambda_2$
.64	.61	Efeitos de Recompensa	Preciso ficar cada vez mais tempo conectado para me sentir satisfeito	.89	.91
			Desejo estar conectado na internet o máximo de tempo	.71	.64
			Uso a internet para me sentir melhor quando não estou bem	.74	.77
			Minha opção de lazer preferida envolve utilizar a internet	.57	.62
			Prefiro navegar na internet que interagir presencialmente com as pessoas	.56	.59
.83	.89	Prejuízos Físicos	Sinto desconforto físico (dor nos ombros, pescoço, pulso) depois de passar muito tempo na internet	.84	.85
			Sinto minha vista irritada ou cansada após usar a internet	.74	.79
			Minha cabeça dói após ficar muito tempo conectado	.68	.59
			Sinto necessidade de descansar depois de estar conectado por um longo tempo	.69	.50
.86	.86	Reações de Abstinência	Fico ansioso quando estou sem conexão à internet	.82	.81
			Me sinto desconfortável quando preciso ficar muito tempo desconectado	.82	.80
			Tenho dificuldade de me controlar quando preciso ficar sem usar a internet (em uma reunião, aula, avião, etc.)	.78	.79
			Sinto uma vontade muito grande de me conectar depois de ficar um período sem usar a internet	.75	.82
			Fico triste quando tenho que parar de usar a internet	.75	.78
			Sinto prazer assim que me conecto a internet	.68	.67
			Sou incapaz de imaginar minha vida sem internet	.54	.45
			Ao ir dormir, penso quando vou me conectar novamente a internet	.67	.76

*Nota.*  $\gamma_1$  = peso do fator de segunda ordem sobre o fator de primeira ordem para a amostra 1;  $\gamma_2$  = peso do fator de segunda ordem sobre o fator de primeira ordem para a amostra 2;  $\lambda_1$  = peso do fator de primeira ordem sobre o item para a amostra 1;  $\lambda_2$  = peso do fator de primeira ordem sobre o item para a amostra 2.

A análise da fidedignidade, avaliada pela consistência interna, mostrou valores adequados, indicando que o iUPI é capaz de medir o construto com níveis aceitáveis de erro. Para o escore total da amostra 1, os coeficientes alfa de Cronbach e ômega de McDonald foram de .95 e o GLB de .96. Para a amostra 2, foram de .94 para o coeficiente alfa, .95 para o ômega e .98 para GLB. Os valores por fator estão descritos na Tabela 3 e podem ser classificados como bons ou muito bons.

**Tabela 3**  
*Fidedignidade por consistência interna do iUPI*

Fatores	Amostra 1			Amostra 2		
	$\alpha$	$\omega$	GLB	$\alpha$	$\omega$	GLB
F1 – Negligência de Atividades	.80	.81	.86	.81	.81	.86
F2 – Uso Abusivo	.77	.77	.84	.76	.75	.82
F3 – Falta de Controle	.88	.89	.90	.87	.85	.91
F4 – Problemas Interpessoais	.78	.79	.80	.80	.81	.81
F5 – Efeitos de Recompensa	.76	.78	.80	.76	.76	.78
F6 – Prejuízos Físicos	.78	.78	.81	.80	.80	.84
F7 – Reações de Abstinência	.85	.85	.86	.86	.86	.90

## DISCUSSÃO

Considerando que este é um estudo inicial sobre um novo instrumento, todos os resultados devem ser considerados preliminares e interpretados com cautela. Os brasileiros endossaram 43 descrições de comportamento que caracterizariam o UPI, distribuídos em sete fatores específicos que são reflexo de um fator amplo, que pode ser tratado como o UPI geral. Os resultados mostraram que a estrutura é coerente teórica e psicometricamente, se ajustando aos dados coletados. Desta forma, para este instrumento, pode ser obtida uma medida geral de UPI, embora o uso exclusivo deste indicador gere significativa perda de informação, que deve ser compensada com a obtenção e análise dos dados fornecidos pelos fatores.

O primeiro fator específico, denominado Negligência de Atividades, avalia o quanto o indivíduo tem o desempenho de atividades cotidianas prejudicado devido ao uso de internet, seja por estar buscando formas de se conectar, por demorar a se desconectar ou por focar a atenção essencialmente nessa atividade. Agarwal e Karahanna (2000) já haviam apresentado a absorção cognitiva como um construto altamente relevante para compreender o envolvimento de um indivíduo com a internet. Estudos como o de Dong et al. (2010) e Weinstein e Lejoyeux (2010) também são relevantes por investigar a relação entre UPI e processamento de informações, controle inibitório e tomada de decisão.

O segundo fator, Uso Abusivo, compila itens que mostram o comportamento de usar a internet como atividade primordial na rotina do indivíduo. É um fator que compreende não somente a quantidade temporal que se passa conectado à internet, mas também um componente contextual que, em maior ou menor grau, causa prejuízos para a rotina do indivíduo (Moromizato et al., 2017), uma vez que ele se mantém conectado em situações em que socialmente não se espera que esteja, como durante as refeições.

O terceiro fator foi nomeado como Falta de Controle. Está relacionado a um repertório menos elaborado de enfrentamento para lidar com situações de autocontrole em relação ao uso. O indivíduo tem consciência das consequências negativas advindas do uso excessivo, mas encontra grande dificuldade de controlar o próprio comportamento, mantendo, assim, os problemas gerados. O seu conteúdo inclui a avaliação de estratégias de autocontrole e modificação de comportamentos relacionados ao uso de internet que não funcionam eficazmente, o que comumente gera conformismo, desesperança para mudança e sentimento de culpa por não conseguir adotar um padrão mais saudável. O fator parece representar o que Young et al. (2011) descrevem, de que “quando o indivíduo se confronta com frustrações ou sofre efeitos prejudiciais do mundo exterior, surgem comportamentos passivos de acomodação ao ambiente” (p. 27).

O quarto fator, Problemas Interpessoais, exemplifica a influência negativa do uso de internet sobre as relações sociais, sendo um causador de conflitos familiares e entre amigos ou levando a um menor investimento no desenvolvimento e manutenção de vínculos interpessoais. Fonsêca et al. (2018) descrevem que indivíduos que utilizam redes sociais podem possuir autoestima afetada e são mais propensos ao isolamento, corroborando o conteúdo do fator.

Efeitos de Recompensa, nome dado ao quinto fator, é o que menos se relacionou com o fator geral. Reúne itens que abordam a sensação prazerosa de estar conectado à internet como reforçador restrito, tanto por ser a atividade prioritária de lazer, como a estratégia para aliviar sentimentos negativos. Relacionado a isso, há um componente de tolerância neste agrupamento de itens, que avalia o quanto o indivíduo faz uso mais frequente e prolongado da internet para alcançar os mesmos efeitos de prazer obtidos anteriormente. Young et al. (2011) relatam esse componente ao descrever que “a experiência eufórica logo se transforma em hábito [...] a fim de atingir a mesma experiência de felicidade, o usuário precisa aumentar o tempo e o apego à internet” (p. 27).

O sexto fator, Prejuízos Físicos, enfoca um componente em que o usuário relata sintomas como incômodos, dores no corpo e necessidade de descansar após tempo prolongado de uso. Em um estudo transversal com 4.211 estudantes universitários chineses, G. Yang et al. (2019) mostraram que a dependência de internet grave foi associada a um maior risco de dor musculoesquelética. O conteúdo do fator aparece também no ICONS (Clark & Frith, 2005), sob o nome

*Physical Consequences* e verificou-se a presença de itens semelhantes em Khoury (2016) e Mescollotto et al. (2018).

Por fim, o sétimo fator, nomeado como Reações de Abstinência, corresponde ao desejo intenso e agudo do indivíduo em conectar-se à internet quando o contexto impede ou restringe a conexão. Nas dependências de substâncias psicoativas, a abstinência produz agitação, estado de confusão e reações fisiológicas. No UPI são observados comportamentos semelhantes, em menor grau, como ansiedade, alteração de humor, disforia, insônia, instabilidade emocional e irritabilidade.

Comparando o iUPI à estrutura de seis fatores do IAT, proposta por Widyanto e McMurrin (2004), há semelhanças no conteúdo avaliado pelos itens, mas uma discrepância grande em relação a como eles se organizam na estrutura proposta. Na versão do IAT de Widyanto et al. (2011), com a redução a três fatores, o distanciamento é ainda maior. O mesmo ocorre em relação ao SPAI-BR (Khoury, 2016), conteúdos semelhantes, estrutura distinta. Comparando o iUPI ao GPIUS (Caplan, 2002), percebe-se maior semelhança na estrutura. Negligência de Atividades compila os fatores Resultados Negativos e Tempo Excessivo; Falta de Controle é semelhante a Compulsão; Reações de Abstinência abrange Abstinência; itens do fator Efeitos de Recompensa estão dentro de Alteração de Humor e Benefícios Sociais; e Problemas Interpessoais e Controle Interpessoal são fatores próximos. A diferença é notada quando o iUPI verifica Prejuízos Físicos e Uso Abusivo de forma independente, dimensões não avaliadas pelo GPIUS. Em sua versão revisada e atualizada (Caplan, 2010), GPIUS2, os itens condensam-se em cinco fatores, indo ao encontro de estudos teóricos subsequentes do autor (e.g., Caplan, 2003, 2005), mas ainda mantendo relação com o conteúdo do iUPI.

A estrutura do iUPI composta por sete fatores de primeira ordem e um fator geral contempla tanto os estudos que sugerem a existência de um único fator geral para explicar o construto (Hawi, 2013; Khazaal et al., 2008; Panayides & Walker, 2012; Pontes et al., 2014), especialmente aqueles advindos do uso do IAT unifatorial, como vai ao encontro de uma série de instrumentos modernos que apresentam uma configuração multifatorial para o fenômeno, como pode ser visto em Yu e Sussman (2020). Em conclusão, os resultados deste estudo mostraram a possibilidade de que o fenômeno do uso problemático de internet pode ter uma estrutura hierárquica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de uma maior solidez teórica na área traz grandes complicações para as investigações científicas realizadas, especialmente as relacionadas à testagem e ao

desenvolvimento de instrumentos. E as diferentes configurações estruturais dos testes disponíveis podem ser consequência deste problema. Talvez sejam necessários grandes estudos de meta-análise que busquem uma unificação em relação a quais são os componentes essenciais para caracterizar o uso problemático da internet. A partir disso, medidas com estruturas mais estáveis podem ser alcançadas. Enquanto isso não acontece, estudos sobre a configuração do construto em diferentes contextos e culturas são necessários.

Preenchendo parte desta brecha, o iUPI apresentou coerência teórica e um ajuste aceitável para a estrutura de um fator geral de segunda ordem e sete fatores de primeira ordem em uma amostra brasileira. Parece contemplar especificidades do uso problemático da internet, possibilitando uma análise informativa do fenômeno, sem deixar de considerá-lo de forma integrada.

As evidências de validade apresentadas ajudam a preencher uma lacuna existente na avaliação psicológica, relativa a instrumentos que avaliam UPI, construídos diretamente a partir de, e para, amostras brasileiras. A estratégia mais comum na literatura tem sido a de adaptar instrumentos estrangeiros, o que, embora tenha vantagens, como economia de tempo na construção de itens e informações prévias sobre evidências de validade, apresenta desvantagens como não ter como referência a cultura brasileira para a redação e definição dos itens que compõem a ferramenta.

Cabe destacar a permanência, com qualidade aferida, de 43 dos 46 itens inicialmente elaborados, o que enfatiza a importância de seguir recomendações técnicas para o desenvolvimento de instrumentos, especialmente a busca por embasamento teórico para a construção dos itens e a verificação da validade de conteúdo como requisito para a análise da validade de estrutura interna. A avaliação prévia de validade de conteúdo por juízes especialistas é, muitas vezes, uma etapa negligenciada do processo de desenvolvimento de instrumentos, em nome de uma busca por métodos estatísticos sofisticados, mas é uma análise fundamental para que aumente a probabilidade de se obter uma estrutura de maior qualidade (Pasquali, 2010).

As limitações deste estudo estão especialmente relacionadas à estratégia de coleta de dados por conveniência e à composição da amostra, como falta de uniformidade em relação aos níveis de escolaridade e região do Brasil, o que limita a generalização dos dados. Ainda assim, o instrumento apresentado mostrou qualidades psicométricas promissoras.

Estudos futuros devem buscar mais evidências de validade, especialmente de estrutura interna com diferentes amostras, para verificar a estabilidade da estrutura proposta. Nesse sentido, sugere-se que sejam realizados estudos de adaptação com amostras de adolescentes, visto que esse grupo parece ser altamente suscetível a problemas relacionados ao uso de internet, e amostras de outros países, para verificar possíveis invariâncias interculturais. Também é necessário buscar

evidências de validade convergente e baseada na relação com variáveis externas (como depressão, ansiedade, solidão e isolamento social, por exemplo, construtos comumente associados ao UPI), além de outros métodos para investigar a precisão, como a estabilidade temporal. Por fim, é altamente relevante determinar normas de interpretação com base em pontos de corte objetivos e científicos, que possam ajudar a estabelecer dados epidemiológicos criteriosos em relação ao grau de severidade do UPI no Brasil e a desenvolver intervenções mais eficazes para diminuir as consequências negativas do problema.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Laura Andrelynne Durans Duarte pela colaboração na coleta de dados.

## REFERÊNCIAS

- Agarwal, R., & Karahanna, E. (2000). Time flies when you're having fun: Cognitive absorption and beliefs about information technology usage. *MIS Quarterly*, 24(4), 665-694. <https://doi.org/10.2307/3250951>
- Ambiel, R. A., & Carvalho, L. F. (2017). Definição e papel das evidências de validade baseadas na estrutura interna em psicologia. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 85-100). Vetor.
- American Psychiatric Association (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5ª ed.). Artmed.
- Andrade, A. L., Kim, D., Scatena, A., Enes, C. C., Enumo, S. R., & De Micheli, D. (2020). Validity and reliability of the Brazilian version of the smartphone addiction scale-long version (SAS-LV). *Trends in Psychology*, 37, e190117. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e190117>
- Assis, R. A. (2014). *Dependência de internet: Um estudo das propriedades psicométricas da versão adaptada ao português brasileiro do Internet Addiction Test (IAT)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. ATTENA: Repositório Institucional da UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29048>
- Caplan, S. E. (2002). Problematic internet use and psychosocial well-being: Development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. *Computers in Human Behavior*, 18(5), 553-575. [https://doi.org/10.1016/S0747-5632\(02\)00004-3](https://doi.org/10.1016/S0747-5632(02)00004-3)
- Caplan, S. E. (2003). Preference for online social interaction: A theory of problematic Internet use and psychosocial well-being. *Communication Research*, 30(6), 625-648. <https://doi.org/10.1177/0093650203257842>

- Caplan, S. E. (2005). A social skill account of problematic Internet use. *Journal of Communication*, 55(4), 721-736. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2005.tb03019.x>
- Caplan, S. E. (2010). Theory and measurement of generalized problematic Internet use: A two-step approach. *Computers in Human Behavior*, 26(5), 1089-1097. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.012>
- Chen, S. H., Weng, L. J., Su, Y. J., Wu, H. M., & Yang, P. F. (2003). Development of a Chinese Internet addiction scale and its psychometric study. *Chinese Journal of Psychology*, 45(3), 279-294. APA PsycNet. <https://psycnet.apa.org//2004-10292-005>
- Christensen, A. P., Gross, G. M., Golino, H. F., Silvia, P. J., & Kwapil, T. R. (2019). Exploratory graph analysis of the Multidimensional Schizotypy Scale. *Schizophrenia Research*, 206, 43-51. <https://doi.org/10.1016/j.schres.2018.12.018>
- Clark, D. J., & Frith, K. H. (2005). The development and initial testing of the Internet Consequences Scales (ICONS). *CIN: Computers, Informatics, Nursing*, 23(5), 285-291. <https://doi.org/10.1097/00024665-200509000-00013>
- Conti, M. A., Jardim, A. P., Hearst, N., Cordás, T. A., Tavares, H., & Abreu, C. N. (2012). Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do Internet Addiction Test (IAT). *Archives of Clinical Psychiatry*, 39(3), 106-110. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000300007>
- Davis, R. A. A. (2001). Cognitive-behavioral model of pathological internet use. *Computers in Human Behavior*, 17(1), 187-195. [https://doi.org/10.1016/S0747-5632\(00\)00041-8](https://doi.org/10.1016/S0747-5632(00)00041-8)
- Della Méa, C. P., Biffe, E. M., & Ferreira, V. R. T. (2016). Padrão de uso de internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade. *Psicologia Revista*, 25(2), 243-264. <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/28988>
- Dong, G., Zhou, H., & Zhao, X. (2010). Impulse inhibition in people with Internet addiction disorder: Electrophysiological evidence from a Go/NoGo study. *Neuroscience Letters*, 485(2), 138-142. <https://doi.org/10.1016/j.neulet.2010.09.002>
- Feng, Y., Ma, Y., & Zhong, Q. (2019). The relationship between adolescents' stress and Internet addiction: A mediated-moderation model. *Frontiers in Psychology*, 10(2248), 1-8. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02248>
- Fernandes, B., Maia, B. R., & Pontes, H. M. (2019). Internet addiction or problematic internet use? Which term should be used? *Psicologia USP*, 30, e190020. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190020>
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2018). Assessing score determinacy, measurement quality, and closeness to unidimensionality in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78(5), 762-780. <https://doi.org/10.1177%2F0013164417719308>
- Ferraro, G., Caci, B., D'Amico, A., & Di Blasi, M. (2006). Internet addiction disorder: An Italian study. *CyberPsychology & Behavior*, 10(2), 170-175. <https://doi.org/10.1089/cpb.2006.9972>
- Ferreira, C., Ferreira, H., Vieira, M. J., Costeira, M., Branco, L. S., Dias, Â. V., & Macedo, L. D. (2017). Epidemiology of Internet use by an adolescent population and its relation with sleep habits. *Acta Medica Portuguesa*, 30 (7-8), 524-533. <https://doi.org/10.20344/amp.8205>
- Fonsêca, P. N., Couto, R. N., Melo, C. C. V., Amorim, L. A. G., & Pessoa, V. S. A. (2018). Uso de redes sociais e solidão: Evidências psicométricas de escalas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(3), 198-212. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672018000300014&lng=pt&tlng=](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300014&lng=pt&tlng=)

- Franco, V. R., Valentini, F., & Iglesias, F. (2017). Introdução à análise fatorial confirmatória. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 295-322). Vetor.
- Golino, H. F. (2017). Verificando o número de dimensões por meio do exploratory graph analysis. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 267-294). Vetor.
- Golino, H. F., & Demetriou, A. (2017). Estimating the dimensionality of intelligence like data using Exploratory Graph Analysis. *Intelligence*, 62, 54-70. <https://doi.org/10.1016/j.intell.2017.02.007>
- Golino, H. F., & Epskamp, S. (2017). Exploratory graph analysis: A new approach for estimating the number of dimensions in psychological research. *PLoS ONE*, 12(6), Article e0174035. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0174035>
- Golino, H. F., Shi, D., Christensen, A. P., Garrido, L. E., Nieto, M. D., Sadana, R., Thiagarajan, J. A., & Martinez-Molina, A. (2020). Investigating the performance of exploratory graph analysis and traditional techniques to identify the number of latent factors: A simulation and tutorial. *Psychological Methods*, 25(3), 292-320. <https://doi.org/10.1037/met0000255>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, L. R. (2009). *Análise multivariada de dados* (6ª ed.) Bookman.
- Hawi, N. S. (2013). Arabic validation of the Internet Addiction Test. *Cyberpsychology Behavior and Social Networking*, 16(3), 200-204. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0426>
- Hernandez-Nieto, R. (2002). *Contributions to statistical analysis: The coefficients of proportional variance, content validity and kappa*. Los Andes University Press.
- Huang, Z., Wang, M., Qian, M., Zhong, J., & Tao, R. (2007). Chinese Internet Addiction Inventory: Developing a measure of problematic internet use for Chinese college students. *Cyberpsychology & Behavior*, 10(6), 805-812. <https://doi.org/10.1089/cpb.2007.9950>
- Issa, T., & Isaias, P. (2016). Internet factors influencing generations Y and Z in Australia and Portugal: A practical study. *Information Processing & Management*, 52(4), 592-617. <https://doi.org/10.1016/j.ipm.2015.12.006>
- Khazaal, Y., Billieux, J., Thorens, G., Khan, R., Louati, Y., Scarlatti, E., Theintz, F., Lederrey, J., Van der Linden, M., & Zullino, D. (2008). French validation of the Internet Addiction Test. *Cyberpsychology & Behavior*, 11(6), 703-706. <https://doi.org/10.1089/cpb.2007.0249>
- Khoury, J. M. (2016). *Tradução, adaptação cultural e validação de uma versão brasileira do questionário Smartphone Addiction Inventory (SPAI) para o rastreamento de dependência de smartphone* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AK4MLE>
- Klinger, E. F., Silva, J. B. F., Marinho, V. L., Miranda, K. W., & Reis, T. V. (2017). Propensão à dependência da internet: Um estudo com acadêmicos de um centro universitário. *Revista Cereus*, 9(2), 75-91. <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/1577>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2013). FACTOR 9.2: A comprehensive program for fitting exploratory and semiconfirmatory factor analysis and IRT models. *Applied Psychological Measurement*, 37(6), 497-498. <https://doi.org/10.1177/0146621613487794>
- Marco, C., & Chóliz, M. (2013). Tratamiento cognitivo-conductual en un caso de adicción a Internet y videojuegos. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 13(3), 125-141. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4159070>
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações* (2ª ed.). ReportNumber.



- Meerkerk, G. J., Van Den Eijnden, R. J., Vermulst, A. A., & Garretsen, H. F. (2009). The compulsive internet use scale (CIUS): Some psychometric properties. *CyberPsychology & Behavior*, 12(1), 1-6. <https://doi.org/10.1089/cpb.2008.0181>
- Mello, L. T. N., Trintin-Rodrigues, V., & Andretta, I. (2019). Relación entre habilidades sociales y satisfacción personal en adolescentes y uso de aplicaciones para comunicación. *Quaderns de Psicologia*, 21(1), 1-13. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1463>
- Mescollotto, F. F., de Castro, E. M., Pelai, E. B., Pertille, A., & Bigaton, D. R. (2018). Translation of the short version of the Smartphone Addiction Scale into Brazilian Portuguese: Cross-cultural adaptation and testing of measurement properties. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 23(3), 250-256. <https://doi.org/10.1016/j.bjpt.2018.08.013>
- Montag, C., Bey, K., Sha, P., Li, M., Chen, Y. F., Liu, W. Y., Zhu, Y., Li, B., Markett, S., Keiper, J., & Reuter, M. (2015). Is it meaningful to distinguish between generalized and specific Internet addiction? Evidence from a cross-cultural study from Germany, Sweden, Taiwan and China. *Asia-Pacific Psychiatry*, 7(1), 20-26. <https://doi.org/10.1111/appy.12122>
- Morahan-Martin, J., & Schumacher, P. (2000). Incidence and correlates of pathological Internet use among college students. *Computers in Human Behavior*, 16(1). [https://doi.org/10.1016/S0747-5632\(99\)00049-7](https://doi.org/10.1016/S0747-5632(99)00049-7)
- Moromizato, M. S., Ferreira, D. B. B., Souza, L. S. M., Leite, R. F., Macedo, F. N., & Pimentel, D. (2017). O Uso de internet e redes sociais e a relação com indícios de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(4), 497-504. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n4r20160118>
- Olson, J. A., Sandra, D., Colucci, É. S., Bikaii, A. A., Chmoulevitch, D., Nahas, J., Raz, A. & Veissière, S. P. L. (2020). *Smartphone addiction is increasing across the world: A meta-analysis of 24 countries*. PsyArxiv. <https://doi.org/10.31234/osf.io/fsn6v>
- Panayides, P., & Walker, M. J. (2012). Evaluation of the psychometric properties of the Internet Addiction Test (IAT) in a sample of Cypriot high school students: The Rasch measurement perspective. *Europe's Journal of Psychology*, 8(3), 327-351, <https://doi.org/10.5964/ejop.v8i3.474>
- Pasquali, L. (Org.). (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*. Artmed.
- Pezoa-Jares, R., Espinoza-Luna, I., & Vazquez-Medina, J. (2012). Internet addiction: A review. *Journal of Addiction Research & Therapy*, 6(2). <https://doi.org/10.4172/2155-6105.S6-004>
- Pontes, H. M., Patrão, I. M., & Griffiths, M. D. (2014). Portuguese validation of the Internet Addiction Test: An empirical study. *Journal of Behavioral Addictions*, 3(2), 107-114. <https://doi.org/10.1556/JBA.3.2014.2.4>
- Rich, M., Tsappis, M., & Kavanaugh, J. R. (2019). Uso problemático de mídias interativas entre crianças e adolescentes: Dependência, compulsão ou síndrome? In K. S. Young & C. N. Abreu (Eds.), *Dependência de internet em crianças e adolescentes: Fatores de risco, avaliação e tratamento* (pp. 7-31). Artmed.
- RStudio Team. (2020). *RStudio: Integrated Development for R*. [Computer software]. <http://www.rstudio.com/>
- Sales, H. F. S., Silva, F. M. S. M., Lopes, B. J., & Silva, C. F. L. S. (2018). Adaptação da escala de uso compulsivo de internet para avaliar dependência de smartphone. *Avances em Psicología Latinoamericana*, 36(1), 155-166. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4649>
- Salles, J. F., & Rodrigues, J. C. (2017). Especificidades da construção de instrumentos neuropsicológicos no contexto brasileiro. In B. F. Damásio & J. C. Borba (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 214-231). Vetor.

- Servidio, R., Francés, F. C., & Bertucci, A. (2019). Assessing the psychometric properties of the internet abusive use questionnaire in Italian university students. *Swiss Journal of Psychology*, 78(3-4), 91-100. <https://doi.org/10.1024/1421-0185/a000226>
- Silva, V. C. (2016). *Validade e confiabilidade da versão brasileira do Teste de Dependência de Internet (TDI)* [Dissertação de Mestrado, Centro Universitário La Salle]. Repositório Institucional do Centro Universitário La Salle. <http://hdl.handle.net/11690/692>
- Talwar, P., Mohamad, F. S., Mustaffa, M. S., Othman, M. K., Bee, O. Y., & Hian, C. C. (2019). Internet addiction among university students: Psychometric properties of three factor model Internet Addiction Test. *Online Journal Health Allied Sciences*, 18(1). <https://www.ojhas.org/issue69/2019-1-3.html>
- Terroso, L., & Argimon, I. I. L. (2016). Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(1), 200-219. <https://doi.org/10.12957/epp.2016.24839>
- Tumeleiro, L. F., Costa, A. B., Halmenschlager, G. D., Garlet, M., & Schmitt, J. (2018). Dependência de internet: Um estudo com jovens do último ano do ensino médio. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 11(2), 279-293. <https://doi.org/10.36298/gerais2019110207>
- Weinstein, A., & Lejoyeux, M. (2010). Internet addiction or excessive Internet use. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 36(5), 277-283. <https://doi.org/10.3109/00952990.2010.491880>
- Widyanto, L., Griffiths, M. D., & Brunsten, V. (2011). A psychometric comparison of the Internet Addiction Test, the Internet-Related Problem Scale, and Self-Diagnosis. *Cybersychology, Behavior, and Social Networking*, 14(3), 141-149. <https://doi.org/10.1089/cyber.2010.0151>
- Widyanto, L., & McMurran, M. (2004). The psychometric properties of the Internet Addiction Test. *CyberPsychology & Behavior*, 7(4), 443-450. <https://doi.org/10.1089/cpb.2004.7.443>
- Yang, G., Cao, J., Li, Y., Cheng, P., Liu, B., Hao, Z., Yao, H., Shi, D., Peng, L., Guo, L., & Ren, Z. (2019). Association between Internet addiction and the risk of musculoskeletal pain among Chinese college freshmen – A cross-sectional study. *Frontiers in Psychology*, 10(1959), 1-7. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01959>
- Yang, S. Y., Fu, S. H., Chen, K. L., Hsieh, P. L., & Lin, P. H. (2019). Relationships between depression, health-related behaviors, and internet addiction in female junior college students. *PLoS ONE*, 14(8), 1-16. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0220784>
- Yao, M. Z., & Zhong, Z. (2014). Loneliness, social contacts and internet addiction: A cross-lagged panel study. *Computers in Human Behavior*, 30, 164-170. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.08.007>
- Young, K. S. (1996). Psychology of computer use: XL. Addictive use of the internet: A case that breaks the stereotype. *Psychological Reports*, 79(3), 899-902. <https://doi.org/10.2466/pr0.1996.79.3.899>
- Young, K. S. (1998). Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder. *CyberPsychology & Behavior*, 1(3), 237-244. <https://doi.org/10.1089/cpb.1998.1.237>
- Young, K. S. (2019). Como avaliar crianças e adolescentes dependentes de internet. In K. S. Young & C. N. Abreu (Eds.), *Dependência de internet em crianças e adolescentes: Fatores de risco, avaliação e tratamento* (pp. 143-160). Artmed.
- Young, K. S., Yue, X. D., & Ying, L. (2011). Estimativas de prevalência e modelos etiológicos da dependência de internet. In K. S. Young & C. N. Abreu (Eds.), *Dependência de internet: Manual e guia de avaliação e tratamento* (pp. 18-35). Artmed.
- Yu, S., & Sussman S. (2020). Does smartphone addiction fall on a continuum of addictive behaviors? *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(2), 422. <https://doi.org/10.3390/ijerph17020422>

- Zhang, J., Zhang, Y., & Xu, F. (2019). Does cognitive-behavioral therapy reduce internet addiction? Protocol for a systematic review and meta-analysis. *Medicine*, 98(38), 1-4. <https://doi.org/10.1097/MD.00000000000017283>
- Zhang, S., Tian, Y., Sui, Y., Zhang, D., Shi, J., Wang, P., Meng, W., & Si, Y. (2018). Relationships between social support, loneliness, and internet addiction in Chinese postsecondary students: A longitudinal cross-lagged analysis. *Frontiers in Psychology*, 9, 1707. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01707>

## ANEXO

iUPI Inventário de Uso Problemático da Internet	
Idade:	
Sexo:	<input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Prefiro não indicar
Escolaridade:	<input type="checkbox"/> Ensino fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio <input type="checkbox"/> Ensino superior
Região do país:	<input type="checkbox"/> Nordeste <input type="checkbox"/> Sudeste <input type="checkbox"/> Norte <input type="checkbox"/> Centro Oeste <input type="checkbox"/> Sul

## INSTRUÇÕES

Este teste tem o objetivo avaliar o quanto o uso da internet está causando problemas para a pessoa que o responde.

Você vai ler 43 frases sobre seus hábitos de uso de internet, que pode ser feito em computadores, celulares, tablets, etc. O uso para tarefas de estudo ou trabalho não conta.

No início, você vai responder, de 0 a 4, o quanto concorda com a afirmação apresentada. Quanto maior o valor, mais você concorda com ela. Veja o exemplo:

Discordo totalmente	Discordo um pouco	Nem concordo, nem discordo	Concordo um pouco	Concordo totalmente
0	1	2	3	4

Depois, as perguntas vão pedir que você indique o quanto faz ou fez o que está descrito. Quanto maior o valor, mais vezes você faz o que está escrito. Veja o exemplo:

Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
0	1	2	3	4

Escolha apenas uma opção.

Para ter um resultado preciso, seja sincero, pois não existe resposta certa ou errada. O teste não possui tempo cronometrado, por isso responda com tranquilidade. Verifique se todos os itens foram respondidos antes de finalizar.

O quanto você concorda com cada uma das afirmações a seguir?		Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Nem concordo nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
1	No último ano, aumentei meu uso de internet.	0	1	2	3	4
2	Passo mais tempo utilizando a internet do que deveria.	0	1	2	3	4
3	Minha opção de lazer preferida envolve utilizar a internet.	0	1	2	3	4
4	Prefiro navegar na internet que interagir presencialmente com as pessoas.	0	1	2	3	4
5	Desejo estar conectado na internet o máximo de tempo.	0	1	2	3	4
6	Percebo que algum relacionamento meu piorou devido ao tempo que passo na internet.	0	1	2	3	4
7	Durante o período de uma hora, acesso a internet várias vezes.	0	1	2	3	4
8	Gasto mais tempo do que gostaria buscando meios de me conectar à internet.	0	1	2	3	4
9	O uso da internet me prejudica, mas continuo conectado.	0	1	2	3	4
10	Sinto uma vontade muito grande de me conectar depois de ficar um período sem usar a internet.	0	1	2	3	4
11	Preciso ficar cada vez mais tempo conectado para me sentir satisfeito.	0	1	2	3	4
12	Quando estou usando a internet, meu desempenho em outras atividades fica prejudicado.	0	1	2	3	4
13	A primeira coisa que faço ao acordar é usar a internet.	0	1	2	3	4
14	Sou incapaz de imaginar minha vida sem internet.	0	1	2	3	4

	Quantas vezes já te aconteceu o que está descrito em cada item?	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
15	Já falhei quando quis controlar o tempo que passo na internet.	0	1	2	3	4
16	Já continuei na internet mesmo sob a reclamação das pessoas mais próximas.	0	1	2	3	4
17	Uso a internet para me sentir melhor quando não estou bem.	0	1	2	3	4
18	Já brigaram comigo por causa do tempo que passo conectado à internet.	0	1	2	3	4
19	Fico tanto tempo na internet que acabo dormindo menos que preciso.	0	1	2	3	4
20	Fico ansioso quando estou sem conexão à internet.	0	1	2	3	4
21	Já deixei de fazer alguma tarefa de casa, da escola/faculdade ou do trabalho porque estava usando a internet.	0	1	2	3	4
22	Já falhei quando quis reduzir o tempo que passo na internet.	0	1	2	3	4
23	Sinto desconforto físico (dor nos ombros, pescoço, pulso) depois de passar muito tempo na internet.	0	1	2	3	4
24	Já menti sobre a quantidade de tempo ou de vezes que acesso à internet por dia.	0	1	2	3	4
25	Quando estou usando a internet, deixo de perceber o que acontece ao meu redor.	0	1	2	3	4
26	Já usei a internet enquanto dirigia ou atravessava a rua como pedestre.	0	1	2	3	4
27	Sinto minha vista irritada ou cansada após usar a internet.	0	1	2	3	4
28	Sinto necessidade de descansar depois de estar conectado por um longo tempo.	0	1	2	3	4
29	Tenho dificuldade de lembrar de outras informações enquanto uso a internet.	0	1	2	3	4
30	Minha cabeça dói após ficar muito tempo conectado.	0	1	2	3	4
31	Sinto que o tempo passa mais rápido quando estou conectado.	0	1	2	3	4
32	Uso a internet quando estou ocioso ou entediado.	0	1	2	3	4

33	Sinto prazer assim que me conecto a internet.	0	1	2	3	4
34	Já sonhei que estava usando a internet.	0	1	2	3	4
35	Sinto culpa por gastar muito tempo do meu dia na internet.	0	1	2	3	4
36	Uso a internet para ganhar curtidas, compartilhamentos ou visualizações nas redes sociais.	0	1	2	3	4
37	Uso a internet enquanto me alimento.	0	1	2	3	4
38	Já deixei de me alimentar por causa do tempo conectado à internet.	0	1	2	3	4
39	Passo tempo na internet mesmo sem ter uma tarefa para cumprir.	0	1	2	3	4
40	Me sinto desconfortável quando preciso ficar muito tempo desconectado.	0	1	2	3	4
41	Ao ir dormir, penso quando vou me conectar novamente a internet.	0	1	2	3	4
42	Tenho dificuldade de me controlar quando preciso ficar sem usar a internet (em uma reunião, aula, avião, etc.).	0	1	2	3	4
43	Fico triste quando tenho que parar de usar a internet.	0	1	2	3	4

Para corrigir, some os itens conforme tabela a seguir.

Fatores	Somar os itens	Pontuação mínima possível	Pontuação máxima possível	Pontuação obtida	Percentil
F1 – Negligência de Atividades	1; 2; 8; 19; 21; 24; 25; 29; 31	0	36		
F2 – Uso Abusivo	7; 13; 26; 32; 34; 36; 37; 38; 39	0	36		
F3 – Falta de Controle	9; 12; 15; 22; 35	0	20		
F4 – Problemas Interpessoais	6; 16; 18	0	12		
F5 – Efeitos de Recompensa	3; 4; 5; 11; 17	0	20		
F6 – Prejuízos Físicos	23; 27; 28; 30	0	16		
F7 – Reações de Abstinência	10; 14; 20; 33; 40; 41; 42; 43	0	32		
Escore total de UPI	F1+F2+F3+F4+F5+F6+F7	0	172		

Para interpretar, use a tabela a seguir.

Fatores	Percentil ( $n = 710$ )					$M (DP)$
	1	15	50	85	99	
F1 – Negligência de Atividades	4	12	20	26	34	19.6 (6.7)
F2 – Uso Abusivo	2	10	17	23	30	16.8 (5.9)
F3 – Falta de Controle	1	6	10	14	18	10.0 (3.8)
F4 – Problemas Interpessoais	0	2	5	8	11	4.9 (2.8)
F5 – Efeitos de Recompensa	0	4	9	13	18	8.6 (3.9)
F6 – Prejuízos Físicos	0	2	5	8	12	5.1 (2.9)
F7 – Reações de Abstinência	0	4	10	15	25	10.0 (5.6)
Escore total de UPI	14	46	75	102	140	75.1 (27.2)